O livro-reportagem como mídia impressa: reflexões sobre o jornalismo contemporâneo[1]

Thaís Luciana Corrêa BRAGA[2]
Alda Cristina Silva da COSTA[3]
Universidade Federal do Pará, Belém, PA

RESUMO

Em tempos de tecnologia digital e mudanças no fazer jornalístico, com a informação cada vez mais rápida, dinâmica e instantânea, a reportagem em livro consolida-se como importante mídia, uma vez que aprofunda e contextualiza os acontecimentos fadados ao esquecimento, dentro dos limites do jornalismo cotidiano. Atualmente, o mercado de livros-reportagem está aquecido com traduções de reportagens clássicas, mas também com a produção de textos já previamente concebidos para o formato de livro. As origens do livro-reportagem remontam ao jornalista John Reed, 1919. Porém, o presente artigo elucidará que, aqui no Brasil, a obra *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, em 1904, já plantava as sementes dessa mídia impressa.

PALAVRAS-CHAVE: livro-reportagem; jornalismo literário; jornalismo impresso.

1. Considerações iniciais: a consolidação da reportagem

Os gêneros jornalísticos são divididos em informativos e opinativos, de acordo com Cascais (2001, p. 99). O primeiro grupo enfatiza a divulgação de informações objetivas, puras, imparciais, diretas e limitadas à narração dos fatos; enquadram-se nesse conceito a notícia, a reportagem e a entrevista. Ao passo que à segunda categoria, cuja peculiaridade é o juízo de valor que se faz de um assunto, pertencem o editorial, o artigo de opinião, a crônica e a crítica.

Dessa forma, notícia e reportagem são gêneros jornalísticos informativos, caracterizados "pela simplicidade no uso das palavras, clareza do conteúdo, além da forma direta, objetiva e concisa de transmitir tudo o que acontece no *habitat* do homem contemporâneo" (COTTA, 2005, p. X). A diferença entre os dois consiste na intensidade, profundidade e autonomia do jornalista no processo de construção da matéria – geralmente, esses fatores são maiores na reportagem do que na notícia, aponta Lage (2005, p. 139).

---

[1] Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso do XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
[2] Mestranda do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará (PPGCOM/UFPA), email: bragathais@ufpa.br.
[3] Orientadora da pesquisa. Doutora em Ciências Sociais e docente do Instituto de Letras e Comunicação/Faculdade de Comunicação (ILC/FACOM) da UFPA, email: aldacristinacosta@gmail.com.

> A *notícia* é o relato integral de um fato que já eclodiu no organismo social. A *reportagem* é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística (MARQUES DE MELO apud LIMA, E. 1995, p. 27) [grifo do autor].

A reportagem surgiu nos anos 20 do século passado nos Estados Unidos, atrelada à propagação da revista semanal de informação geral e ao jornalismo interpretativo[4].

> No final dos anos 10 a imprensa norte-americana enfrenta um dilema. Já existe o telégrafo, as agências noticiosas estão a pleno vapor, o volume de informações com que o leitor norte-americano é brindado pelos jornais é considerável, mas mesmo assim é surpreendido com a eclosão da Primeira Guerra Mundial. Descobre-se então que a imprensa estava muito presa aos fatos, ao relato das ocorrências, mas era incapaz de costurar uma ligação entre eles, de modo a revelar ao leitor o sentido e rumo dos acontecimentos. (LIMA, E. 1995, p. 24-25)

Para atender ao público que esperava um tratamento informativo de maior qualidade, a revista *Time* foi lançada com a intenção de relatar os bastidores e buscar "conexões entre os acontecimentos, de modo a oferecer uma compreensão aprofundada da realidade contemporânea" (LIMA, E. 1995, p. 25).

Dar a informação primeiro não é a característica essencial de uma reportagem. "O imediatismo é menos importante: algumas das mais famosas reportagens foram escritas – ou produzidas – muito tempo depois dos fatos a que se reportam", diz Lage (2005, p. 139). Por isso, outra diferença em relação à notícia diz respeito à pauta[5]. Numa reportagem, o planejamento é mais completo: são apresentadas informações disponíveis sobre o tema ou evento, sugestões quanto ao tratamento editorial ou em relação à abordagem, bem como custos e prazos de produção (LAGE, 2005, p.140-141). Já na notícia, a pauta contém apenas perguntas, nomes, telefones e endereço de entrevistados (JORGE, 2008, p. 40).

Notícias podem se transformar em reportagens, mas essa não é a regra. Para Lage (2005, p. 141), a principal matriz do interesse jornalístico é o paradoxo (a antítese).

> Mudanças políticas, inflexões no pensamento científico, procedimentos resultantes de novas tecnologias, o inusitado, o surpreendente – tudo o que é capaz de gerar contradição ou conflito – pode motivar uma reportagem. Mas é preciso também considerar a oportunidade do tema ou evento, o quanto atende à

[4] "[Jornalismo interpretativo] busca não deixar a audiência desprovida de meios para compreender seu tempo, as causas e as origens dos fenômenos que presencia, suas consequências para o futuro. Vai fundamentar sua leitura da realidade na elucidação dos aspectos que em princípio não estão muito claros. Almeja preencher os vazios informativos, conforme a terminologia de Luiz Beltrão." (LIMA, E. 1995, p. 25)

[5] "Chama-se pauta, em jornalismo, o planejamento de matérias para um veículo ou de dada matéria em particular. Depende de quem fala: editores tendem a considerar o conjunto, enquanto repórteres falam de pauta referindo-se ao projeto de matéria que lhe foi atribuído." (LAGE, 2005, p.140)

> demanda (para uso, informação cultural ou recreação) de comunidades ou segmentos da população que tem acesso ao veículo (LAGE, 2005, p. 141).

As principais características de uma reportagem são a predominância da forma narrativa, a humanização do relato, o texto de natureza impressionista[6] e a objetividade dos fatos narrados (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 15). A acentuação de uma dessas características em relação às demais origina diferentes classificações.

As grandes reportagens, de início, eram publicadas nos jornais impressos. Hoje, os textos já podem ser previamente concebidos para a forma de livro-reportagem – as editoras brasileiras, aliás, têm incentivado, cada vez mais, a produção da reportagem em livro tanto de autores nacionais, quanto traduzindo obras clássicas[7]. Títulos como *A sangue frio*, de Truman Capote, e *Hiroshima*, de John Hersey, tornaram-se referências mundiais do jornalismo literário[8] – gênero híbrido que utiliza recursos da literatura para apresentar fatos não ficcionais.

O presente artigo objetiva, dessa forma, destacar a trajetória de consolidação do livro-reportagem enquanto mídia impressa, fazendo algumas reflexões históricas, bem como apontando as características que tem se diferenciado das outras categorias de jornalismo dentro da sociedade.

2. **Livro-reportagem**: **algumas conceituações**

Definir o livro-reportagem requer retomar algumas discussões com a finalidade de compreender o papel daquilo que denominaremos de mídia impressa. Ao conceituar livro-reportagem, Belo (2006, 41) vai defini-lo como instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. O autor defende que o veículo não substitui os demais meios de comunicação, posto que complementa a todos. Entretanto, pela capacidade de reunir a maior quantidade de informação organizada e contextualizada acerca de determinado assunto, consiste na mídia "mais rica – com exceção possível do documentário

[6] O caráter impressionista do texto refere-se à capacidade do narrador de transmitir emoção no relato. "A humanização se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos. O repórter é aquele 'que está presente', servindo de ponte (e, portanto, diminuindo a distância) entre o leitor e o acontecimento. Mesmo não sendo feita em 1ª pessoa, a narrativa deverá carregar em seu discurso um tom impressionista que favoreça essa aproximação" (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 15).

[7] Martinez (2009, p.1) aponta que só a editora Companhia das Letras, por exemplo, contava com uma coleção de treze livros-reportagem clássicos em abril de 2008.

[8] As propriedades fundamentais do jornalismo literário são definidas pelo que o Pena (2006, p. 13) chama de estrela de sete pontas: potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir profundidade e perenidade aos relatos.

audiovisual – em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa" (BELO, 2006, p.41).

Lima (1995, p. 36) afirma, também, que a reportagem em livro é um produto híbrido, pois pertence à área do jornalismo enquanto veículo de comunicação não periódico de caráter monográfico, assim como está inserido em questões de diagramação – porque o formato e a configuração que serão dados às informações reunidas são de responsabilidade das casas editoriais. Contudo, para o autor, a função do livro-reportagem procede, essencialmente, da primeira característica, já que o profissional que escreve o livro-reportagem é, quase sempre, um jornalista. Isto é, um comunicador social formado sob a concepção da prática de uma atividade específica da comunicação. Por conseguinte, a realidade essencial do livro-reportagem é determinada a partir das características e dos princípios que regem o jornalismo como um todo (LIMA, 1995, p. 20).

A grande reportagem é o elemento catalisador do livro-reportagem, tal como a notícia o é para o jornalismo cotidiano, diz Lima (1995, p. 36). Por isso, a concepção de livro-reportagem guarda estreita relação com a ideia de jornalismo, em especial com o jornalismo de profundidade, considerado mais crítico e analítico, conforme Belo (2006, p. 41).

Do ponto de vista técnico, o livro revela-se como o instrumento mais rico para o exercício da profissão. Tirando o fator temporal, já que em geral o veículo não comporta temas de caráter efêmero, todos os demais princípios do ofício podem ser aplicados e explorados intensamente. Forma, conteúdo e, em especial, dimensão consistem no conjunto de características que diferencia o jornalismo em livro do praticado em outros meios (BELO, 2006, p.41).

Portanto, o mergulho profundo nos acontecimentos, personagens e situações é uma particularidade da reportagem em livro, aponta o autor – para quem praticamente tudo pode ser objeto de um livro-reportagem, desde que haja fidelidade e precisão quanto aos fatos a fim de garantir uma abordagem extensiva. "É uma questão de oportunidade", resume Belo (2006, p. 43). Para o sucesso da obra, Lima (1995, p. 68) ressalta que é preciso detectar os conflitos, "circunscrever seu sentido, antecipá-lo no tempo, buscar suas raízes", porque essa narrativa jornalística tem sempre a clara pretensão de abordar um assunto à exaustão ou, pelo menos, chegar muito próximo a isso (BELO, 2006, p. 42). Logo, alguns requisitos são necessários, a exemplo do caráter não perecível ou, quem sabe, de maior durabilidade do assunto. "Por não ser tão imediatista quanto a cobertura midiática, o livro-reportagem

normalmente abre espaço para abordagens diferentes, originais, criativas, menos urgentes e mais aprofundadas" (BELO, 2006, p. 42).

O livro pede um nível de detalhamento, profundidade e contextualização que outros veículos não conseguem oferecer. Até por sua extensão e pelo trabalho mais acurado de pesquisa, ele leva evidente vantagem em relação aos periódicos na hora de explorar as ramificações de um tema, as conexões entre fatos diferentes, os desdobramentos de cada história e as infinitas maneiras de contá-la. É uma forma de ter uma visão mais ampla e profunda, sem a fragmentação que caracteriza a cobertura jornalística cotidiana (BELO, 2006, p.42).

2.1 Origem e características

Não há uma data fixa para o surgimento do livro-reportagem, informa Belo (2006, p.19). Todavia, segundo o autor, John Reed é lembrado por diferentes estudiosos da comunicação como um dos percussores do jornalismo literário e também como pai do livro-reportagem moderno em função da obra *Dez dias que abalaram o mundo*, publicada em 1919. Embora não tenha sido o primeiro, posto que há relatos de não ficção anteriores a ele. Belo (2006, p. 30) destaca que no Brasil, por exemplo, Euclides da Cunha produziu uma série de relatos para o jornal *O Estado de S. Paulo* sobre a Guerra de Canudos, no agreste baiano, em 1897. Reunidos e publicados em 1902 sob o título de *Os sertões*, tornaram-se narrativa rica e detalhada, as quais expõem ao leitor um sentido mais profundo para o conflito, bem como para as venturas e desventuras de Antônio Conselheiro e seus companheiros. Lima (1995, p. 161) afirma que Euclides foi capaz de relacionar a situação local com os acontecimentos que ocorriam no mundo, de forma a exercer o jornalismo interpretativo, como também teve o cuidado de se certificar de documentos para produzir o texto e conferir-lhe veracidade.

O final do século XX é indicado por Belo (2006, p. 32) como período em que o livro-reportagem começou a ser explorado pelos jornalistas brasileiros. De acordo com o autor, os anos 1980 são repletos de relatos acerca dos bastidores da política e da economia nacional – setores estes que mais sofreram mudanças. As publicações periódicas contemplaram parte desses relatos, "mas a necessidade de aprofundamento, as terríveis dimensões de eventos como a ditadura militar e a abertura política proporcionaram espaço para a publicação de inúmeras reportagens em livro" (BELO, 2006, p.32).

No passado recente do país, um item alinhado ao "desinteresse" por certos temas, na grande imprensa, pelo menos, devia-se à censura em suas diferentes modalidades, desde o AI-5 de 1968 à autocensura que as direções dos próprios veículos se impunham, muitas vezes. Em decorrência, o livro-reportagem passava a ocupar um espaço deixado vago (LIMA, 1995, p. 34).

Belo (2006, p. 32) acrescenta, ainda, que as constantes tentativas de estabilização monetária – só alcançada com sucesso após o Plano Real, em 1994 –, bem como o encolhimento do espaço editorial das revistas e, sobretudo, dos jornais brasileiros em função da crise energética e da revolução da internet são, da mesma forma, importantes marcos da vida econômica do país que ajudaram a consolidar a reportagem em livro. A reunião desses fatores empurrou parte dos profissionais para a prática do jornalismo fora das redações, até porque as empresas não mais conseguiam manter numerosas redações (BELO, 2006, p. 35).

Lima (1995, p. 29) assinala três condições primordiais que distinguem o livro-reportagem das demais publicações classificadas como livro[9]: conteúdo, tratamento e função. No que tange ao primeiro aspecto, o autor explica que o objeto da abordagem de que trata a reportagem em livro corresponde ao real, ao factual – entendido "tanto quanto a ocorrência social já definida (...) quanto uma situação mais ou menos perene, uma questão, ou uma ideia vigente, refletindo um estado de coisas, mas que não corresponde necessariamente a um acontecimento central" (LIMA, 1995, p. 29).

Já o tratamento compreende a linguagem, a montagem e a edição do texto. Por conseguinte, Lima (1995, p. 29) enfatiza que o livro-reportagem apresenta-se como eminentemente jornalístico. O autor ratifica a conceituação de linguagem jornalística, tal como entende Nilson Lage.

No plano linguístico, propriamente, a linguagem jornalística rege-se, conforme enfatiza o mesmo autor, por restrições que impõem um equilíbrio entre a comunicação eficiente e a aceitação social (...); que obrigam quase sempre ao uso da terceira pessoa da narrativa, vale dizer, da função da linguagem denominada de referencial; que conforma ideologicamente a narrativa de acordo com os compromissos aos quais está atrelado o

[9] Rabaça e Barbosa (apud LIMA, 1995, p. 29) entendem livro como "'publicação não periódica que consiste materialmente na reunião de folhas de papel impresso ou manuscritas, organizadas em cadernos, soltas ou presas por processo de encadernação e técnicas similares" [grifo do autor]. Acrescentam, ainda, que o livro deve conter mais de 48 páginas, segundo normas da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) – fator que o distingue do folheto.

veículo continente da mensagem. Ainda nesse plano, aparecem qualidades desejáveis de precisão, exatidão, clareza, concisão (LIMA, 1995, p. 29-30).

Por sua vez, a função do livro-reportagem é atender às distintas finalidades típicas ao jornalismo, "que se desdobram sobre o objetivo fundamental de informar, orientar e explicar" (LIMA, 1995, p. 30). Então, a reportagem em livro pode se aproximar do chamado jornalismo informativo arredondado, com o trabalho extensivo da narrativa, de forma superior aos periódicos – "com horizontalização de dados e fatos, mas sem um salto verticalizador significativo, direcionado à apreensão qualitativamente intensiva do objeto abordado" (LIMA, 1995, p. 30); pode, ainda, segundo o autor, praticar o jornalismo interpretativo, com a abordagem multiangular de uma questão a fim de identificar uma variedade de causas e consequências, assim como diversos pontos de vista a respeito; também pode exercitar o jornalismo investigativo, de denúncia – para este caso, Lima (1995, p. 31-31) afirma que são emprestadas técnicas provenientes de quaisquer categorias clássicas do jornalismo; assim como é possível adentrar no que se conhece como jornalismo diversional, fugindo da definição tradicional.

Em relação às características dos periódicos, Lima (1995, p. 31) ressalta que o livro-reportagem caracteriza-se pela universalidade, pois "a temática é tão variada quanto nos jornais e revistas", bem como o objeto de que trata a narrativa é abordado à luz de várias facetas; e pela difusão coletiva, porque "circula publicamente para uma audiência heterogênea, dispersa geograficamente[10]". Todavia, o veículo não apresenta periodicidade[11], bem como o princípio de atualidade "deve ser compreendido sob uma ótica de maior elasticidade do que o que se aplica às publicações periódicas" (LIMA, 1995, p. 31).

O autor explica que o corte na passagem do tempo, que corresponde à característica atualidade, não se apresenta de maneira uniforme. Lima (1995, p. 40) afirma que o corte é tanto mais reduzido quanto menor a periodicidade do veiculo – da mesma forma que é mais amplo, abrangendo porções maiores do fluxo de movimento do tempo, quanto mais saímos do terreno das mensagens menores do jornalismo e entramos na grande reportagem. Quanto

[10] O autor defende que a reportagem em livro é uma forma de comunicação coletiva, e não de massa; mas, independente da classificação, a dispersão ocorre.

[11] O autor apresenta outra acepção para a periodicidade do livro-reportagem, que não a de repetição, em edições sucessivas, de uma mesma publicação. Quando o termo se refere ao que ele denomina "ritmo de vida", a reportagem em livro prolonga a existência dos fatos, estende sua durabilidade e diminui sua perecibilidade. "O livro-reportagem prolonga ainda mais o ciclo de existência dos acontecimentos, a partir de temas conhecidos pelo público, muitas vezes veiculados inicialmente pela imprensa cotidiana" (LIMA, 1995, p. 41).

mais ampliamos a faixa do tempo que focalizamos, no rumo do passado, mais entramos no tempo histórico (LIMA, 1995, p. 40) [grifo do autor].

É importante ressaltar que o resgate, no passado, das raízes mais importantes de um acontecimento no presente não se confunde com o trabalho da história. Lima (1995, p. 40) explana que o livro-reportagem pode "escapar do passado, embora mergulhe nele, focalizar o presente, mas também avançar ao futuro, antecipando a continuidade do atual, através de seus desdobramentos, no que virá a ser". Por conseguinte, o autor sugere que o termo atualidade, na reportagem em livro, seja substituído pelo de contemporaneidade, uma vez que a intenção do veículo é ampliar o foco de compreensão de acontecimentos presentes, mas com a plasticidade e a elasticidade que o tempo ganha no livro-reportagem.

E, por fim, Lima (1995, p. 69-72) aponta pelo menos seis pontos de diferenciação da reportagem em livro possui para o exercício da imprensa regular: liberdade temática – de forma a estender o poder de comunicação e também "libertar o autor dos grilhões impostos pelo sensacionalismo na imprensa cotidiana" (LIMA, 1995, p. 69); liberdade de angulação – pela presença mais expressiva do autor, o compromisso da obra é com sua própria cosmovisão, bem como seu esforço de cativar o leitor por meio de técnicas que fogem das institucionalizações do jornalismo cotidiano; liberdade de fontes – por não estar ligado ao ritmo compulsivo das redações, o livro-reportagem pode ir além das fontes legitimadas e oportunizar vozes variadas; liberdade temporal – busca o registro da contemporaneidade, porque resgata no tempo algo mais distante do que o hoje; liberdade do eixo de abordagem – por penetrar em questões mais duradouras, vai além da factualidade dos acontecimentos; e liberdade de propósito – a reportagem em livro ascende para algo mais do que a informação anestesiadora.

2.2 Classificações

No universo livro-reportagem, Lima (1995, p. 34) identifica dois conjuntos quanto à origem: aqueles provenientes de uma grande reportagem ou de uma série delas veiculadas, primeiramente, na imprensa cotidiana; e os concebidos, desde o início, como um projeto elaborado para livro.

Já quanto ao vínculo com a atualidade, o autor divide os livros-reportagem em duas categorias: aqueles que aproveitam "um fato de repercussão atual para explorá-lo como maior alcance, enquanto o impacto reverbera pela sociedade" (LIMA, 1995, p. 34); e os que

não se limitam necessariamente ao atual ao trabalharem temas um pouco mais distantes no tempo para, a partir daí, mostrar explicações para as origens, no passado, das realidades contemporâneas – ou, ainda segundo o autor, que abordam temas não relacionados a um fato nuclear específico, mais sim estão atrelados à explanação de uma situação mais ou menos perene.

O autor classifica os livros-reportagem, ainda, com base nos objetivos particulares, específicos, "com quem o livro desempenha narrativamente sua função de informar e orientar com profundidade" (LIMA, 1995, p. 44), bem como quanto à natureza do tema com que trata a obra. Assim, o livro-reportagem-perfil "procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse", explica Lima (1995, p. 45) – para quem o primeiro caso, geralmente, refere-se a uma figura olimpiana, ao passo que, na segunda alternativa, a pessoa personifica a realidade vivida por determinado grupo social.

Uma variante dessa modalidade é o livro-reportagem-biografia, que consiste na concentração da narrativa em torno da vida, do passado e da carreira da pessoa em foco, de acordo com Lima (1995, p. 45). "Ele é o fio condutor de todo o enredo. Os acontecimentos, por mais importantes que sejam, são apenas satélites. Tudo gira em torno de uma história de vida" (PENA, 2006, p.70). O autor chama o estilo apenas biografia, cujo âmago concentra elementos do jornalismo, da literatura e da história. Lima (1995, p. 45) destaca, ainda, que o jornalista pode se comportar como ghost-writer ao escrever sobre o biografado e, também, dar menos destaque ao presente da personagem. Embora não haja estatísticas comprovadas, Belo (2006, p. 61) afirma que a maior parte dos livros-reportagem produzidos no Brasil trata de biografias.

É o subgênero mais popular, até pelo desejo natural que o ser humano tem de conhecer a vida das pessoas públicas, em especial daquelas rotuladas como vencedoras ou que tenham, por alguma razão não necessariamente positiva, alcançado a notoriedade (BELO, 2006, p.61).

Já o livro-reportagem-depoimento visa reconstituir um acontecimento relevante segundo a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada. Por conseguinte, Lima (1995, p. 45) afirma que o texto pode ser escrito pelo próprio envolvido, geralmente assistido por um jornalista, ou por um profissional que compila o depoimento e elabora a obra. O autor frisa que o importante nesse caso é passar para o leitor "uma narrativa quente,

com bastante clima de bastidores, movimentada. Por isso, seu estilo é, normalmente, o de action-story" (LIMA, 1995, p. 45) [grifo do autor].

O livro-reportagem-retrato, por sua vez, é semelhante ao livro-perfil, em princípio. Contudo, em vez de centralizar a história sobre uma figura humana, o faz a respeito de uma região geográfica, um setor da sociedade ou um segmento da atividade econômica para que seja traçado um retrato do objeto em questão, com elucidação, principalmente, dos seus mecanismos de funcionamento, seus problemas e sua complexidade, aponta Lima (1995, p. 45-46). O livro-retrato é marcado, na maioria das vezes, pelo interesse em prestar algum serviço educativo, explicativo. Por isso, trabalha a metalinguagem, na troca em miúdos de um campo específico do saber para o grande público não especializado. Em decorrência, seu estilo o caracteriza, por vezes, em quote-story (LIMA, 1995, p. 45-46) [grifo do autor].

Enquanto que o livro-reportagem-ciência atende aos propósitos da divulgação científica, geralmente centrado em um tema específico. Lima (1995, p. 46) acrescenta que essa modalidade também pode apresentar um caráter de crítica ou reflexão. O autor apresenta, ainda, o livro-reportagem-ambiente, que está atrelado a interesses ambientalistas e a causas ecológicas. Particulariza-se pela postura combativa, crítica ou apenas que aborde temas relacionados à conscientização da importância do equilíbrio nas relações entre o homem e a natureza.

Ao passo que o livro-reportagem-história trata de um tema do passado recente ou de algo mais distante no tempo, mas que contenha algum elo com o presente a fim de manter um denominador comum com o leitor atual (LIMA, 1995, p. 46). "Esse elemento pode surgir de uma atualização artificial de um fato passado ou por motivos os mais variados", explana o autor. Uma variante dessa modalidade, identificada por Lima (1995, p. 46), é o livro-reportagem que focaliza a história empresarial, com destaque para o mundo dos negócios, um grande grupo ou uma atividade produtiva; outra é o livro-reportagem-epopeia, que, com grande magnitude, abarca episódios históricos de grande relevância social.

A abordagem acerca de novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas que surgem ao redor do mundo, resultado tanto do movimento de contracultura quanto da aproximação à cultura e civilização do Oriente Médio e do continente asiático, são peculiaridades do livro-reportagem nova consciência, conforme Lima (1995, p. 47).

Outra modalidade é o livro-reportagem-instantâneo ou livro-reportagem de história imediata, que se inclina sobre um acontecimento recém-concluído, mas cujos contornos

finais já podem ser identificadas (LIMA, 1995, p. 47). Segundo o autor, a obra também pode conter prognósticos acerca do fato nuclear. Lima (1995, p. 47) afirma que prefere as terminologias apresentadas no lugar de livro-flash, pois o leitor pode entender que se trata de "algo ágil, mas superficial, como se fosse eventualmente uma matéria trabalhada no espírito frívolo, altamente perecível, da nota" (LIMA, 1995, p. 47). O termo instantâneo remete à velocidade, porém não está cercado de qualquer atributo de efemeridade, explica o autor.

Tal o livro-instantâneo, o livro-reportagem-atualidade também apresenta um tema atual; contudo, o autor destaca que, nesse caso, são selecionados apenas os temas atuais de maior perenidade no tempo, mas cujos desdobramentos ainda são desconhecidos. Essa característica permite ao leitor resgatar as origens do fato que ocorre, seu contorno do presente, as tendências possíveis do seu desfecho no futuro. Facilita a identificação das forças em conflito que poderão determinar o desfecho. Faz com que o leitor acompanhe, com maior profundidade de conhecimento, uma ocorrência de maior magnitude que esteja em progresso (LIMA, 1995, p. 48).

Por sua vez, o livro-reportagem-antologia agrupa reportagens previamente publicadas na imprensa cotidiana ou até mesmo em outros livros sobre os mais diferentes critérios, informa o autor. Podem ser as reportagens, sobre os mais diferentes temas, de um profissional conhecido do público. Podem ser as matérias, de distintos profissionais, sobre um único tema. Podem ser os trabalhos, de diferentes jornalistas, sobre os mais diversos temas, mas que tem em comum um gênero jornalístico ou uma categoria de prática do jornalismo (o opinativo ou o interpretativo, por exemplo) (LIMA, 1995, p. 48).

O livro-reportagem-denúncia tem propósito investigativo e serve de clamor contra as injustiças, desmandos dos governos, abusos de entidades privadas e incorreções de segmentos da sociedade (LIMA, 1995, p. 49). O autor frisa que a obra focaliza casos marcados pelo escândalo. Já a marca do livro-reportagem-ensaio é a presença do autor e de suas opiniões sobre o tema a fim de convencer o leitor a compartilhar o ponto de vista apresentado, aponta Lima (1995, p. 49). No que tange ao tratamento do texto, são empregados a função expressiva da linguagem e o foco narrativo na primeira pessoa.

Por fim, o livro-reportagem-viagem evidencia uma jornada "a uma região geográfica específica, o que serve de pretexto para retratar, como em um quadro sociológico, histórico, humano, vários aspectos das realidades possíveis do local" (LIMA, 1995, p. 49). O autor distingue essa modalidade de um relato puramente turístico ou repleto de romantismo e

exotismo pela óbvia preocupação com a pesquisa, coleta de dados e exame de conflitos. Para Lima (1995, p. 49), o conhecimento constrói-se, ao longo da obra, por meio da visão jornalística, "alicerçada por recursos advindos de diversos campos do saber moderno".

3. Considerações finais

O desenvolvimento do webjornalismo alterou a forma de se fazer jornalismo impresso. Atualmente, não é preciso esperar a edição do dia para obter as informações básicas acerca de determinado acontecimento, pois tudo está na internet. O texto impresso precisa contextualizar e aprofundar as notícias para sobreviver a essa nova realidade. Por isso, o livro-reportagem surge como alternativa – principalmente, por oferecer credibilidade ao leitor, uma vez que nem tudo o que está na internet foi devidamente apurado, conforme as regras jornalísticas.

4. Referências

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

CAPOTE, Truman. **A sangue frio**: o relato fiel de um assassinato múltiplo e suas complicações. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

CASCAIS, Fernando. **Dicionário de jornalismo**: as palavras do media. São Paulo: Verbo, 2001.

COTTA, Pery. **Jornalismo**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Rubio, 2005.

LAGE, Nilson. O texto da reportagem. In: _____. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 2ª ed. Campinas (SP): Editora da UNICAMP, 1995.

MARQUES DE MELO, José. Prefácio. In: LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007, p. 7 a 16.

MARTINEZ, Mônica. **Jornalismo Literário**: um gênero em expansão. Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo, v. 32, n, 2, p. 199-215, jul./dez. 2009.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

RABAÇA, Carlos Alberto e BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. 2ª ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro, Campus, 2001.

SODRÉ, Muniz e FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem**: notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.